

Justiça lenta e magistrados criminosos

Sensacionais declarações do sr. Pero Borges, ouvidor-mor do Brasil
(Leia na pág. 2)



Cardeal João Maria de Ciochi del Monte que, de hoje em diante, como novo Papa, chamar-se-á Júlio III.

MÁQUINA PARA CORTAR CABEÇAS

Alemanha, 1550 (Do correspondente)

Os gravadores alemães Penez e Aldegrever acabam de editar uma estampa com a reprodução dum instrumento destinado a dar a morte pela decapitação, o que até agora se tem feito com um cepo, uma grande espada ou um cutelo e o carrasco.

Essa máquina de degolar consta de uma alta armação perpendicular de madeira, do alto da qual desaba, puxada

por um cordel, afiadíssima lâmina em forma de crescente, que vem cortar o pescoço do condenado amarrado em baixo ao comprido duma tábua.

Aparelho semelhante já se acha em uso na Escócia desde alguns anos, sob o nome de Maiden, a Virgem. Consta também que o governo de Génova o tem usado. O que os dois citados gravadores alemães desenharam, segundo notícias correntes, foi adotado pelas justicas da provincia francesa do Delfinado.



CASAS DE ÓCULOS

Curioso flagrante, exclusivo para O BRASIL EM JORNAL, é o que estampamos acima. Por êle o leitor pode fazer idéia das condições em que se comerciam óculos numa das principais capitais européias (Paris). O oculista arma sua tenda em plena rua e os fregueses experimentam até acharem os óculos de que precisam. A par da falta de higiene (coisa muito comum em nossos dias), outro fato ressalta: não há a menor técnica no atendimento de quem precisa de correções óticas.

Ao fundo, vê-se uma loja de botas.

ELEITO NOVO PAPA: JÚLIO III

4.91
12.2625

Numa esplêndida cobertura jornalística, O BRASIL EM JORNAL dá conta aos seus leitores dos acontecimentos ligados à eleição do novo Papa que sucede a Paulo III.

Damos, inclusive, despachos de nosso correspondente em Lisboa, sobre a frustrada candidatura do cardeal Henrique, irmão do rei de Portugal e infante daquele país. Na pág. 5, a grande reportagem sobre a eleição papal.

o Brasil em Jornal

1550 N.º 14	"A HISTÓRIA EM NOTÍCIA"	Comum: Cr\$ 10,00 Aéreo: Cr\$ 12,00 Atrasado: Cr\$ 15,00
Director: AMARAL NETTO	Assessores: GUSTAVO BARROSO JAYME COELHO	Redator-chefe: CLAUDIO SOARES

50 ANOS DE VIDA

O Brasil completa este ano o primeiro cinquentenário. Seu território está agora em princípios de unificação sob o governo geral de Tomé de Sousa.

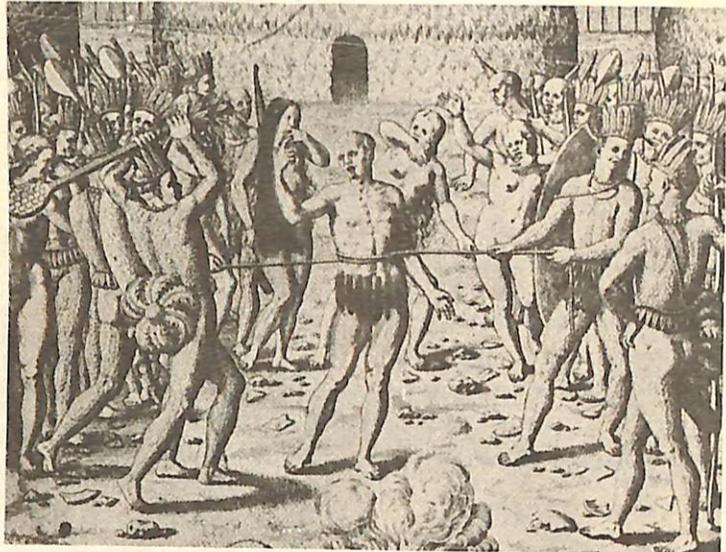
O BRASIL EM JORNAL, que nasceu com a descoberta, e que vem, em suas páginas, acompanhando dia a dia a história brasileira, registra o acontecimento, na certeza de que, na comemoração do primeiro centenário, nascimento de outro século, a situação do país se apresentará, sob todos os pontos de vista, muito melhor e mais progressista que neste ano.

RICO QUER SER POBRE

Salvador, 1º, agosto, 1550 — (Do correspondente)

Porque os castigos que caíram sobre sua cabeça foram muitos, Pedro Rico, ora percebendo a título precário as rendas da paróquia desta cidade, resolveu mudar seu nome para Pobre.

Rico, que substitui Alvaro Antunes como rendeiro da paróquia, escreveu ao bispo da Bahia solicitando a confirmação no posto. Em sua carta, contando as desventuras por que tem passado no Brasil, comunica o desejo de, não sendo atendido no que pleiteia, mudar o sobrenome para que condiga mais com sua situação, passando a chamar-se Pedro Pobre.



ÍNDIO MORRE INSULTANDO — Em palpitantes declarações de Manuel da Nóbrega, o jesuíta que ora se aplica a evangelizar o Brasil, muita coisa é contada sobre a vida dos índios. No flagrante acima, especial para O BRASIL EM JORNAL, uma das cenas mais comuns no país é mostrada em toda sua hediondez, como foi presenciada por Nóbrega. Um índio prisioneiro, supliciado por seus inimigos na hora da morte, vinga-se da única maneira que a situação lhe permite: insulta toda a geração de adversários. Na pág. 2, sob o título "O Brasil é nossa empresa", entrevista exclusiva com Nóbrega.

CRIADO BISPADO NO BRASIL

Roma, 28, fevereiro, 1550 (Do correspondente) — URGENTE

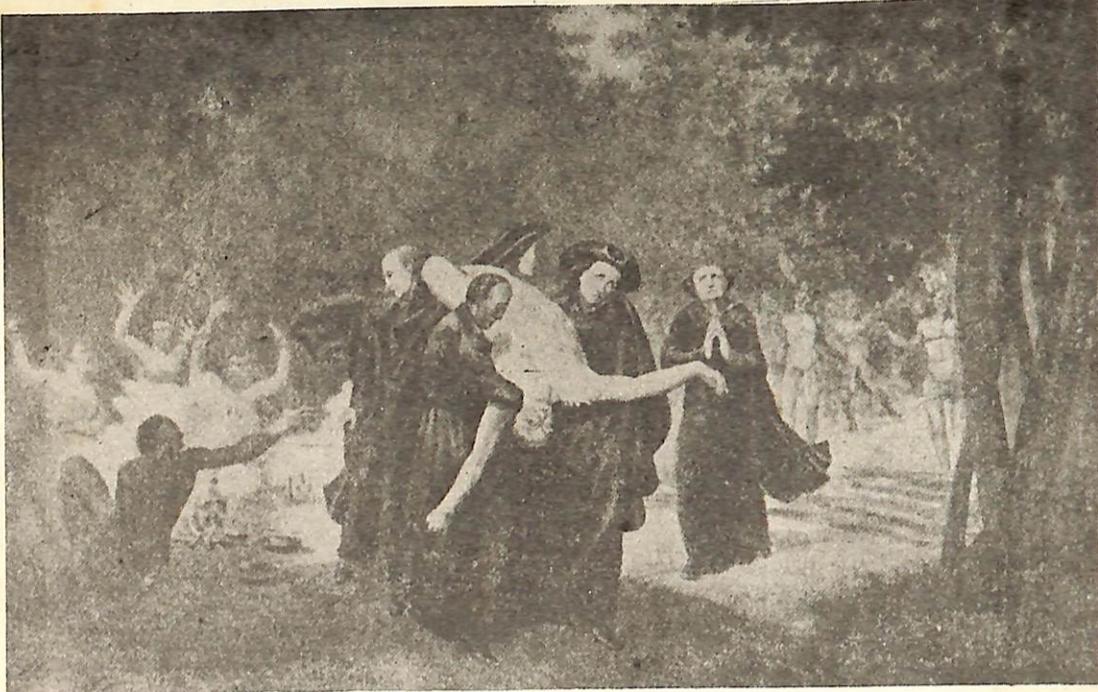
Atendendo a insistentes pedidos do rei de Portugal, D. João III, o recém-eleito Papa Júlio III acaba de assinar a bula que cria um bispado no Brasil.

A bula, que se intitula «Super specula militantis ecclesiae», é de grande importância para o propósito evangelizador do rei português. Num esforço de reportagem, podemos anunciar que o Primeiro Bispo do Brasil será D. Pedro Fernandes Sardinha.

(Leia na página 4 o nosso Editorial sobre o assunto.)

"O BRASIL É NOSSA EMPRESA"

Superior dos jesuítas (Manuel da Nóbrega) fala a O BRASIL EM JORNAL e faz apelos



Sensacional flagrante de O BRASIL EM JORNAL, colhido no momento em que Nóbrega salvava catecúmenos das mãos dos índios

Magistrados desonestos e justiça lenta no Brasil

Pôrto Seguro, 7, fevereiro, 1550 (Do correspondente)

Denunciando, hoje, o lugar-tenente do donatário Jorge de Figueiredo, Francisco Romero, como incompetente para governar Ilhéus, o ouvidor Pero Borges fez sensacionais revelações.

CAPITÃO DO ESPÍRITO SANTO DESERTA

Pôrto Seguro, 14, julho, 1550 (Do correspondente)

Com vinte homens sob seu mando, encontra-se nesta capitania o sr. Duarte Lemos, enviado especial do governador Tomé de Sousa para dirigir a capitania abandonada.

A propósito, recordamos que o antigo capitão de Pôrto Seguro, sr. Pero do Campo, foi mandado preso para Portugal, suspeito de heresia e de blasfêmia. Seu processo foi reproduzido em números anteriores de O BRASIL EM JORNAL.

Falando-nos, hoje, disse Duarte Lemos:

— Meus homens estão aguardando ordens do governador para partirem à procura do ouro que dizem existir aqui. Vim, explicou-nos ele, para substituir Pero do Campo.

IRREGULARIDADES

Duarte Lemos, continuando, diz-nos que mandou, em carta reservada ao governador, notícias de graves irregularidades aqui ocorridas e que envolvem outro donatário, o sr. Vasco Fernandes Coutinho, capitão do Espírito Santo.

— Encontrei-me com Coutinho, que estava a caminho da Europa. Ele tentou por todos os meios e modos embarcar numa nau do rei que faz o comércio de pau-brasil. Pretendeu mesmo conseguir salvo-conduto para uns homiziados que o ouvidor Pero Borges prendera em Ilhéus. Vasco queria ir à França para recuperar-se de alguns gastos que fez em sua capitania. Não o conseguindo, embarcou noutra nau para Pernambuco, onde pretende avistar-se com o capitão Duarte Coelho. Suas intenções não são nada boas.

COMÉRCIO DE PAU-BRASIL

Duarte Lemos informou-nos ainda que recebeu ordens de Tomé de Sousa para proibir a extração de pau-brasil na região de Pôrto Seguro.

— Os que tiverem licença real para fazê-lo devem carregá-lo, doravante, na região dos potiguares ou no Rio de Janeiro. Os moradores desta vila, contudo, fizeram-me um apelo: já que não podem usar aqui a licença para carregar pau-brasil, em proveito próprio, que o façam para o rei.

Borges foi mandado pelo governador Tomé de Sousa para averiguar a situação das capitânicas meridionais e em sua companhia se encontram o capitão-mor da armada, Pero de Góis, alguns jesuítas e outras pessoas.

— Romero, informou o ouvidor, já cumpriu pena no Linoeiro em razão de faltas que cometeu no exercício de seu cargo. Trata-se de um bom homem, mas muito ignorante, e que não pode, de modo algum, ter mando da justiça. Para a guerra é muito útil. Mas, nas coisas da justiça, é inservível.

O ouvidor Pero Borges esclarece-nos que enviou o teor da denúncia ao rei D. João III e, ao mesmo tempo, pede que os donatários no Brasil destaquem para o cargo de ouvidor gente mais capaz.

— Não consentirei mais, prossegue Borges, no abuso de se destacarem degredados para cargos de justiça. Aqui, por exemplo, isso era comum. Alguns cargos mesmo foram extintos por desnecessários.

O ouvidor-geral constatou também que aqui, como em Ilhéus, havia escrivas que não tinham sequer os livros competentes. Outro fato importante denunciado por Borges é o que diz respeito ao comércio ilícito de escravos. Isto, segundo ele, teria causado muita desinteligência com os índios.

Uma das delicadas questões a resolver não só aqui como em Ilhéus é, na opinião de Pero Borges, a dos portugueses casados duas ou mais vezes.

— Aqui mesmo, disse-nos ele, há gente com suas mulheres em Portugal ou nas ilhas, que tomou ilicitamente nova esposa. Muitos o fizeram com as próprias escravas, quando não com as índias já batizadas. Já alguns foram processados convenientemente.

Acho, contudo, que não se pode aplicar a lei portuguesa em lugar de hábitos tão diferentes, já que tão longe da mãe-pátria. Os que eu tinha mandado prender foram soltos depois de pagarem multas. Sobre isso, entretanto, espero a última palavra do rei.

Concluindo suas declarações a O BRASIL EM JORNAL, Borges chama a atenção das autoridades portuguesas para um fato que considera da mais alta importância: a demora na aplicação da justiça.

— Nesta capitania se encontra preso um indivíduo humílimo que matou um compatriota. Seu julgamento deve demorar muito. Acho mesmo que ele apoderecerá na prisão. Como este caso, há inúmeros outros que não foram previstos no meu regimento. Sobre isso pedirei mesmo sérias providências ao rei. A justiça tem de ser rápida para ser eficiente.

QUEM É NÓBREGA

O padre Manuel da Nóbrega, que hoje nos concede sensacional entrevista, é um dos mais jovens jesuítas em serviço no Brasil: tem apenas 32 anos de idade.

Natural do Minho, em Portugal, estudou nas universidades de Salamanca e Coimbra. Em 21 de novembro de 1544 ingressou na Companhia de Jesus.



Em Portugal, ocupou, na Companhia, o cargo de Procurador dos Pobres. Fez peregrinações de Salamanca e Santiago da Compostela. Andou em pregações rurais pela Beira e pelo Minho ocasião em que O BRASIL EM JORNAL, no seu noticiário, se ocupou dele: tinham-lhe roubado um guarda-chuva.

Em todas as suas missões se houve com tanto carinho que, quando se cogitou de enviar um grupo de jesuítas ao Brasil, seu nome logo se impôs. Foi feito superior da Missão.

Pôrto Seguro, 6, janeiro, 1550 (Do correspondente)

— A Bahia é boa terra, apesar das formigas. Os índios são dóceis e o que atrapalha a recuperação dos selvagens é o elemento civilizado — esta a opinião do jesuíta Manuel da Nóbrega, ora servindo no Brasil em missão religiosa.

Nóbrega, que chegou ao país há apenas dez meses, já tem opinião formada sobre os graves problemas administrativos. Radicado na Bahia, veio, há dois meses, a esta capitania, para examinar a situação local.

POUCA GENTE

— Em Salvador, quando chegamos, havia entre 40 e 50 povoadores da antiga cidade de Francisco Pereira Coutinho, disse-nos Nóbrega. Todos nos receberam com muita alegria. Neste pequeno núcleo,

existia uma igreja, onde eu mesmo celebri missa. Nosso grupo de jesuítas era pequeno e o trabalho muito. A gente da terra vivia em grande pecado. Cada qual tinha mais mulheres que o outro.

Entre os primeiros serviços feitos pelos jesuítas, Nóbrega menciona um:

— Logo ao nosso desembarque, o irmão Vicente Rodrigues pôs-se a ensinar a doutrina aos meninos. Todos têm grande desejo de aprender, de modo que a escola de ler e escrever teve enorme afluência.

PROGRESSOS

Continuando, Manuel da Nóbrega diz-nos:

— Os selvagens querem ser como nós. Se ouvem o sino tocar para a missa, logo acodem. Põem-se de joelhos, batem no peito e levantam as mãos para o céu. Um chefe, que aprendia a ler, em dois dias já sabia todo o abecê. Ao lhe ensinarmos o Sinal da Cruz, mostrou grande solicitude. Assegurou-nos que quer ser cristão e não comerá mais carne humana.

Segundo nosso entrevistado, a maior dificuldade que os missionários têm de vencer é a do idioma. Mesmo assim, garantiu-nos, o irmão Navarro já domina inteiramente o idioma dos selvagens e não tem mais necessidade de intérpretes. Prossegue:

— Numa aldeia baiana, um chefe índio esbofetou um subalterno que se atreveu a nos dirigir gracejos. E o curioso é que ele ainda não estava iniciado em nossa fé. Nós a ensinamos e ele, agora, é um elemento utilíssimo: acorda cedo, toma lições e ajuda nas obras. Prometeu-nos que intercederá junto de seus irmãos e sua mulher para os batizar.

SACERDOTES ATRAPALHAM

— O grande, o maior inconveniente da terra são os maus sacerdotes, diz-nos Nóbrega. Dêles nós ouvimos horrores. Há mesmo necessidade de um vigário-geral, porque sei que tão maus religiosos se acomodam mais com o temor da Justiça que o amor ao Senhor. Muitos clérigos do Brasil são a escória do que há em Portugal. Nenhum sacerdote devia vir ao país sem ter sua vida muito bem examinada. O mau exemplo destrói o que com tanto sacrifício edificamos.

ESCOLA

Segundo Nóbrega, o governador Tomé de Sousa designou, dentro da cerca da cidade de Salvador, um bom sítio para nele se construir uma escola, mas com um inconveniente: muito próximo fica a Sé.

— Seria preferível, diz-nos, um local mais afastado, mais para os lados em que a cidade deve crescer. Tomé de Sousa, entretanto, fez-nos uma objeção: em caso de ataque dos índios ficaríamos muito expostos. Creio que o governador não tem muita razão no que alega. Afinal de contas, os próprios índios seriam nossos alunos e isto devia funcionar como uma garantia para nós. Em último caso, colocar-nos-íamos sob a proteção do cercado. A argumentação do governador foi aceita e nós estamos já com outro local, dentro da cidade, designado para nosso colégio. Apenas aguardamos ordens de Portugal para dar iní-

cio a sua construção. Para isto precisaremos de bons oficiais e ferramentas.

POUCA ROUPA

— Já mandei pedir a Portugal que nos mandassem roupas para os índios, prossegue Nóbrega. Não me parece bem que os convertidos venham à missa nus.

Nóbrega salta de um assunto a outro, com grande agilidade. O Brasil empolga-o. Ele mesmo nos diz que não sabe a que atribuir sua escolha para missão tão nobre quanto esta de ganhar almas para a Igreja de Cristo. «Esta terra é nossa empresa», diz-nos de momento a momento.

CANIBALISMO

— Os índios (já agora não tanto) têm dois grandes defeitos: comerem seus inimigos e terem muitas mulheres, continua Nóbrega. Quando cativam um prisioneiro, trazem-no preso, dão-lhe mulher (às vezes a própria filha do chefe da tribo capturante), engordam-no e depois o devoram com grande pompa. Nossa ação tem-se feito no sentido de coibir tal hábito. Soube, por exemplo, que numa aldeia, há tempos, devoraram um inimigo, mas às escondidas, com medo de que os repreendessemos.

O missionário explica que, quanto à questão das mulheres, se caminha para uma solução:

— Alguns chefes querem batizar-se e à sua mulher. Para isso, pediram-nos tempo para escolher a mulher que lhes aproovesse.

Inflamado, como quando principiou a falar-nos, Nóbrega informa-nos que os selvagens não têm crenças que dificultem sua conversão ao catolicismo. Até mesmo em seu idioma, diz-nos, não há palavras para significar Deus, na acepção religiosa do termo. Assim, o padre Navarro, que é quem melhor se entende com eles, emprega a palavra Tupana (espécie de divindade, o trovão) e chama deus de «Pai Tupana.»

FALTA DE MULHERES

Concluindo, Nóbrega fez, por nosso intermédio, um apelo: mandem mulheres, sejam quais forem. Com isso se evitariam situações embaraçosas, como a disputa em torno de uma escrava do governador, que muitos desejaram desposar. Mandem ferramentas para as obras do colégio. Mandem material para a celebração da missa.

— A Bahia é muito saudável e rica. A terra dá de tudo: uvas, laranjas, apesar de uma formiga muito destruidora, a saúva. Morre-se mais de velhice que de doença. Antônio Pires, dos nossos, foi o único que adoeceu de maleita, mas mesmo assim já se recuperou.

O MAIOR TESOURO

— Dizem, finalizou Nóbrega, que há aqui grande riqueza em ouro e pedras preciosas, que só não foram achadas por fraqueza de nossa gente. Mas o maior tesouro mesmo é salvar as almas que estão nas trevas.

Depois de uma palavra sobre o trabalho pioneiro dos jesuítas no Brasil (na Bahia já há inclusive um hospital) Nóbrega despediu-se.

"DESDE HOJE SOU VOSSO JUIZ E DEFENSOR"

Moscú, 1550 (Do correspondente)

— É impossível corrigir o mal que já foi feito, mas posso prometer que os abusos e as injustiças não se repetirão. Esquecei, pois, o que se fez e que não tornará a suceder. Bani dos vossos corações o ódio e o espírito de discórdia. Com essas palavras incisivas, Ivan IV, o Terrível, se dirigiu aos representantes da nação que se comprimiam na Praça Vermelha, desta cidade, para ouvir a comunicação de uma nova política, que se baseia no contato do poder supremo com a nação inteira.

SOU O JUIZ

Do «Lobnoie mesto» (lugar reservado às execuções capitais), bem em frente à porta do Salvador, que dá acesso ao Kremlin, Ivan continuou: «Reunamo-nos todos no amor cristão e na procura da justiça. Desde hoje sou o vosso juiz e o vosso defensor».

Logo após esse discurso, Ivan nomeou Alexis Adachef, para reunir todas as súplicas dirigidas ao czar. A inauguração dessa posição completamente nova em relação aos súditos, que está sendo considerada um grande golpe político, teve repercussão em todo o país.

ASSEMBLEIA NACIONAL

Por ordem de Ivan, todas as províncias e cidades enviaram a esta cidade delegados que se reuniram em Assembleia Nacional (Zemskiy Sobor). A estes Estados Gerais, inaugurados solenemente pelo próprio czar, rodeado do alto clero e dignitários da corte, foram propostas, sucessivamente, a criação de um novo «Soudebnik», ou código redigido pelo «diak» Gousef no tempo de Ivan III, assim como o estabelecimento de tribunais que devem julgar por intermédio de jurados eleitos.

Pessoas ligadas ao palácio informam que a resolução do

czar foi por influência direta do capelão da corte, padre Silvestre, e de Macário, «outro espírito forte de Moscú».

Lembram ainda os informantes que foi padre Silvestre que traçou a linha de conduta do príncipe ortodoxo, quando o povo enfurecido, na rebelião de 47, reclamava em volta do palácio da «montanha dos pardais» a cabeça de Ana, e força para todos os Glinsky, responsáveis — segundo a superstição do povo — pelo violento incêndio que devastou a cidade.

Ivan não se contentou apenas com a cerimônia solene para comemorar a nova política. Além de encarregar um concílio local de reformar a vida interior da Igreja, publicou o novo código (Soudebnik ou Soudebnik) que dá direito, aos representantes eleitos pelo povo, de sentarem-se nos tribunais ao lado dos funcionários reais.

Sobre os antecedentes desses importantes acontecimentos O BRASIL EM JORNAL publicou várias reportagens em seus números anteriores.

Ouro na Bahia?

Salvador, 20, junho, 1550 (Do correspondente)

Índios chegados a Porto Seguro informaram à população que, no interior do país, há uma montanha de ouro, perto de um rio desconhecido dos portugueses.

Sobre o assunto ouvimos, hoje, o espanhol Filipe Guilhem, há muito tempo radicado no Brasil.

— Realmente, não é a primeira vez que se ouve falar em ouro no Brasil, disse-nos. Mas a informação destes selvagens é impressionante. Segundo eles, desta montanha descem pedras amarelas, que nós chamamos pedras de ouro.

Quando os índios vão à guerra, por aqueles lados, apanham as ditas pedras e fazem gamelas para nelas darem de comer aos animais. Eles, pessoalmente, não usam o ouro por o considerarem um metal que causa doenças.

Continuando, Guilhem informou-nos que o governador Tomé de Sousa, ao saber da notícia, pediu-lhe parecer.

— Eu mesmo estive nas cogitações de Tomé de Sousa para ser mandado a pesquisar no sertão.

Guilhem, concluindo, informou-nos que pediu, hoje, licença de seu cargo (oficial de justiça) ao rei D. João III, para se dedicar à busca de ouro.

— Só sem mais cuidados poderia dedicar-me inteiramente a esta tarefa, disse ele. Sou uma pessoa pobre e tenho de cuidar de três filhas solteiras. Espero que o rei me atenda.

HOMEM SIMPLES REJEITA FORTUNA

Lima, janeiro, 1550 (Do correspondente)

«Vim para o Peru a fim de servir ao rei e proporcionar aos seus habitantes as vantagens da paz; e já que o favor do céu permitiu que eu o conseguisse totalmente, não quero desonrar minha causa com nenhuma ação que possa despertar suspeitas sobre a pureza de minhas intenções».

Com estas palavras, Pedro de la Gasca, justamente cognominado pelo povo peruano como o pai, libertador e salvador do país, rejeitou, além de grande quantidade de prata lavrada oferecida pelos caciques, cinquenta mil castelhanos-ouro, ofertados pelos principais colonos, oferecimentos com que seus admiradores pretendiam premiá-lo pela maneira com que se houve na repressão das revoltas e desordens que assolaram ultimamente várias partes do Peru.

DISCRICAO E FIRMEZA

A negativa de Gasca em aceitar tão tentador presente ocorreu à véspera de sua partida, de volta para a Espanha. La Gasca é, agora, o dominador do Peru, graças à ação discreta mas firme com que venceu todos os obstáculos que encontrou na árdua tarefa de pacificar o país, de que foi encarregado pela coroa espanhola. Sua espetacular vitória sobre o chefe revolucionário Gonçalo Pizarro, irmão do conquistador Francisco Pizarro e que pegara em armas contra a autoridade real, impressionou pela incrível tática diplomática que La Gasca empregou, trazendo para seu lado quase a totalidade dos seus adversários.

Essa vitória foi obtida praticamente sem um tiro ou escaramuça. O BRASIL EM JORNAL noticiou, em números anteriores, com detalhes,



INGLATERRA CHACINA CATÓLICOS

Na Inglaterra, sob Eduardo VI, continua a perseguição à população e aos nobres católicos, tal como sob a chefia de Henrique VIII, pai de Eduardo. Multiplicam-se os patibulos; as cenas de tortura, públicas; as fogueiras de carne humana e toda a sorte de suplicios imagináveis.

Mártires do ideal católico se somam aos milhares. Na gravura vários aspectos da terrível perseguição: enforcamento, queima, esquartejamento e até mesmo, dentro de um caldeirão, se cozinha o corpo ainda vivo de um monge que permaneceu fiel à Igreja de Roma.

todos os acontecimentos desenvolvidos no Peru na revolução chefiada por Gonçalo Pizarro e dominada por la Gasca.

Com as informações obtidas, la Gasca, ajudado por uma junta de eclesiásticos e de juristas, organizou um sistema uniforme de impostos ainda mais suave do que o existente ao tempo dos incas. Regulamentou os tipos de serviços que poderiam ser exigidos dos índios, reduzindo-os a uma pequena contribuição pessoal. La

PRESOS MESTRES DE COIMBRA

Lisboa, 15, agosto, 1550 (Do correspondente)

Acusados de viverem como católicos, mas de pensarem como protestantes, foram presos, hoje, no cárcere desta cidade, os professores de Coimbra, Diogo de Teive, João da Costa e Jorge Bucanan.

Os três mestres foram condenados a abjurar, publicamente, os seus erros. Teive, suspeito de ser israelita, ao ser conduzido para a prisão, negou-se a fazer comentários sobre a condenação.

A abjuração dos três, mesmo que ocorra, e é o que se espera, será seguida de prisão em conventos, por tempo indeterminado, à vontade da Inquisição.

FACILIDADES A COLONOS PARA O BRASIL

Lisboa, 11, setembro, 1550 (Do correspondente)

Todo açoriano que desejar partir para o Brasil terá auxílio do governo para fazê-lo.

O rei de Portugal, D. João III, recomendou hoje a Pedro Anes, funcionário português no arquipélago açoriano, que provesse os eventuais imigrantes de mantimentos e embarcações, desde que se destinassem ao Brasil.

Os imigrantes devem ter seus nomes anotados e, logo que cheguem àquele país, devem apresentar-se ao governador Tomé de Sousa, na Bahía.

Gasca conseguiu extinguir a escravidão no Peru, no que ela tinha de mais odioso.

A atuação de la Gasca não se limitou à ação diplomática e militar. Como presidente de Real Audiência, atendeu o despacho de inúmeros negócios que se haviam atrasado devido às revoltas.

FRACASSOU ALIANÇA MATRIMONIAL ANGLO-LUSA

Lisboa, novembro, 1550 (Do correspondente)

Parece terem falhado definitivamente as gestões para que o infante português, Luís, se case com a jovem princesa inglesa, Maria.

Recordamos, a propósito, que o assunto tem sido longamente debatido, desde 1538, ao tempo de Henrique VIII. Nesta época, as condições para o casamento ficaram praticamente assentadas: a princesa levaria de dote cerca de 100 mil coroas e ficaria privada da sucessão ao trono, exceto no caso de faltarem outros herdeiros; o ducado de Milão seria também dado ao infante português.

O imperador Carlos V, um dos defensores, inicialmente, deste matrimônio, foi apontado como sendo um dos que o dificultaram depois.

Agora, quando a possibilidade de se chegar a bom termo parecia ter surgido (o rei Eduardo VI, da Inglaterra, mandou embaixador a Carlos V, o sr. William Paget), tudo foi por água abaixo. O imperador fechou a questão, não concordando em absoluto com a proposta do soberano inglês.

Livro de orações obra de arte



Este é um dos «Livro de Horas» (contendo preces da Igreja católica), que vem sendo usado em Paris. Está ornado de 17 miniaturas e apresenta-se aberto, para que o leitor melhor verifique o cuidado e a beleza artística com que foi confeccionado.

A tarefa do Primeiro Bispo do Brasil

Além de constituir hoje administrativamente um Governo-Geral, com autoridade civil e militar fortemente concentrada, o que lhe assegura melhor defesa contra os abusos internos e os ataques externos, foi o Estado do Brasil elevado a diocese, nomeando a Santa Sé o primeiro Bispo encarregado de regê-la. Recaiu a escolha na pessoa dum sacerdote já notabilizado por suas virtudes e pela autoridade do seu saber, tido e havido como grande pregador.

Bem carecidas estão as gentes desta terra da Santa Cruz de ouvirem mais vèzes e com mais fôrça a palavra de Deus. Não nos referimos tão-sòmente à evangelização dos pagãos que vivem pela extensa costa afora e na imensa largura dos sertões, em boa hora entregue aos beneméritos padres da Companhia de Jesus, os melhores caçadores de almas para Nosso Senhor Jesus Cristo até então aparecidos nas Índias Orientais e Ocidentais. Referimo-nos também aos que, vindos do outro lado do mar, começam a povoar estes dilatados territórios, onde pela selvaticidade do meio e amplitude das distâncias, as leis se derretem e os braços encarregados de fazê-las cumprir são menores do que as distâncias.

Não queiramos esconder os abusos e vexações que dominam por aí além, tanto da parte dos simples particulares quanto dos ministros da governação e da própria Igreja nos seus diversos graus. Nas mais relaxadas condições matrimoniais vivem muitos dos que se consideram patriarcas da nova terra. Outros julgam que podem lançar ao mundo os seus rebentos, sem curar de lhes proporcionar meios de criação ou vida. Estes multiplicam as mancebias. Aquêles tomam as mulheres de outros. Há os que conjugam o verbo rapio em todos os modos e tempos, e os que tudo vendem que dêles dependam, inclusive as próprias pessoas. O direito da fôrça é exercido pelos que podem e a vingança nasce das fogueiras que acendem.

A falta de religião é causadora de grande cópia desses males. O povo vive afastado dos sacramentos, portanto longe de Deus. É, pois, com grandes esperanças que vemos se desenvolver no país a vida eclesiástica e se pôr à testa da nova diocese um Bispo com autoridade intelectual e moral capaz de se impor ao seu clero e levá-lo pelos caminhos da obediência, de se impor à população e conduzi-la pelas vias da virtude e do bem.

Não será tarefa leve a que vai enfrentar o ilustre D. Pedro Fernandes Sardinha; mas obra a desafiar a robustez dum caráter. O novo Bispo encontrará resistências de vulto na corrupção reinante, nos costumes inveterados, na teimosia dos pecados, no orgulho dos potentados. Que combata tôdas essas fôrças do mal e delas possa sair vencedor são os votos que fazemos com a maior sinceridade: ao Primeiro Bispo do Brasil espera o martírio duma luta tenaz e glorificadora.

LIVROS E AUTORES

Giorgio Vasari, o pintor e arquiteto (seus quadros são considerados mediocres) acaba de lançar uma obra importante: «Vida dos melhores pintores, esculptores e arquitetos», série de biografias que vão desde Cimabue até o próprio Vasari.

Trata-se de fonte de ensinamentos e julgamentos por vèzes superficiais, mas sempre preciosos como informação aos que acompanham com interesse a vida dos grandes homens.

O inimigo número 1 de Tartaglia (matemático dos cemitérios), professor Jerônimo Cardan, acaba de lançar novo livro. Referimo-nos a um tratado sobre «Stultezas». O autor promete continuar a obra com um grande suplemento.

Continuando a série de suas obras em que defende os princípios religiosos de sua doutrina, o reformador João Calvino publicou este ano o seu «Tratado de Escândalos», em que analisa e critica os desvios pagãos do humanismo.

Sua obra foi bem recebida pela crítica e, como sempre, teve

grande aceitação entre seus numerosos adeptos.

Uma determinação real, em Espanha, estabelece as condições em que os livros podem ser exportados para a América espanhola.

A fim de evitar que os indígenas, vendo livros com gravuras, percam a fé na palavra escrita, decidiu-se, agora, proceder a exames mais cuidadosos no material gráfico a ser mandado para a América.

O rei de Portugal visitou a oficina de impressão estabelecida nesta cidade, há 20 anos, pelo editor francês Germão Galharde.

Depois de percorrer demoradamente tôdas as dependências da impressora, no mosteiro de Santa Cruz, o rei D João III fez grandes elogios ao trabalho de Galharde. Nesta ocasião, o impressor ofereceu ao visitante uma obra ali editada: «Repertório para se acharem as matérias no livro Espelho da consciência».

A MODA COMO ELA É



ENSINO

MUDANÇA

Guimarães, Portugal, 1550 (Do correspondente)

Atendendo ao pedido do frei Diogo de Murça, o rei de Portugal determinou a mudança, daqui para Coimbra, do colégio do Mosteiro da Costa.

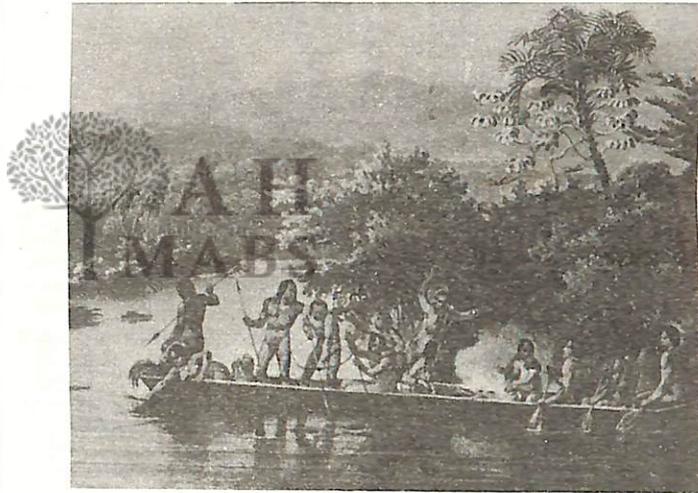
Segundo os meios culturais, a mudança acarretará melho-

A moda espanhola está dominando ditatorialmente a maneira de se vestir desta época, com seu estilo sarraceno, elegante e distinto, herdado de seus invasores e dominadores árabes. E o negro, também usado como luto, é de fino gosto atualmente. Os leitores poderão acompanhar, aqui a descrição de um elegante espanhol, dentro da última palavra em moda masculina:

Roupa inteiramente negra com gargantilha branca; capa forrada de tafetá; chapéu de seda ornado de plumas rosadas; gibão bordado, calções em gomos verticais, meias de seda, espadim e luvas.

ria no nível do ensino, já que os alunos terão, agora, os principais cursos (humanidades e superior) na mesma cidade.

Por outro lado, algumas críticas foram feitas à decisão do monarca: a centralização de estabelecimentos de ensino prejudicará as pequenas cidades, que ficarão privadas de escolas.



NAVEGAÇÃO E PESCA

Índios e índias brasileiros numa das canoas que constituem suas únicas embarcações para bordejo da costa e navegação nos rios. De arco-e-flecha e lanças eles pescam à margem de um dos tantos rios que cortam o seu território

COLUNA MILITAR



TERCEROLA

Anuncia-se a fabricação na Itália, e sobretudo na Espanha, de uma pistola pequena que se pode conduzir no bolso, muito útil para defesa pessoal a curta distância. Tem o nome de tercero, naturalmente por ser três vèzes menor que as pistolas de guerra.

Os franceses dão-lhe outra denominação: *coup-de-poing*.



BELON RECEBE PENSÃO

Paris, 1550 (Do correspondente)

Henrique II resolveu conceder uma pensão de 200 escudos ao médico e naturalista francês Pedro Belon, autor de um grande número de observações novas no terreno da História Natural.

Protegido pelos bispos de Clermont e de Mans e pelos cardeais de Lorena e Tournon, Belon empreendeu várias viagens científicas, sendo aprisionado quando regressava de uma delas. Como os seus detentores pedissem uma soma considerável pelo resgate, valeu-lhe um cavaleiro chamado Dehamme, que, pelo fato de Belon ser patricio de Ronsard, entregou o dinheiro exigido.

DECORAÇÃO

Um objeto de grande utilidade para seu lar e que os fabricantes estão apresentando agora em belos modelos é a aldrava. A que mostramos hoje, toda em ferro bordada com delicadeza, é de grande efeito em qualquer porta. O desenho do centro pode ser substituído por monograma do morador.



PROPAGANDA

Sevilha, 1550

Grupos protestantes, recrutados principalmente entre o clero, estão se formando nesta cidade para divulgar as idéias calvinistas.

O BRASIL EM JORNAL

EDITORA REFORMA S/A
R. México, 119, 12º and.
grupos 1.202/8 — Tel.: 22-6807

SEDE PRÓPRIA
End. REFORMA
RIO DE JANEIRO

Secretários
RUBEM AZEVEDO LIMA
ZUENIR CARLOS VENTURA

Paginação
WALDYR FIGUEIREDO

Ilustração
ADAIL

Revisão
GABRIEL CHAVES DE MELO

Promoção
TITO S. CAVALCANTI

SUCURSAL EM S. PAULO
Pr. das Bandeiras, 40, 9º and.
Tel.: 33-6647

ASSINATURAS (ANUAIS)
24 Nos. SIMPLES... Cr\$ 240,00
24 Nos. AÉREA... Cr\$ 300,00

ELEITO NOVO PAPA

Roma, 7, fevereiro, 1550 (Do correspondente)

Apesar da tentativa de oposição dos imperiais, os 41 cardeais reunidos na capela Paulina elegeram Papa, por dois votos de maioria sobre Pole, o cardeal João Maria de Ciocchi del Monte, candidato de Carafa e do grupo intransigente da Cúria.

Logo após o resultado de hoje, Guisa e Farnésio se precipitaram na cela do eleito e o conduziram à capela, onde todos os cardeais presentes o abraçaram e o saudaram como Papa. O ruído das felicitações era tal que não se podia ouvir o que ele dizia. Foi preciso que o deão pedisse silêncio e exortasse os cardeais a evitar aquela «aparência de eleição tumultuosa».

REVELOU O NOME

Num «furo» sensacional, O BRASIL EM JORNAL conseguiu saber hoje o nome que o Papa adotará. Como se sabe, é tradição o eleito só revelar o nome na manhã seguinte à eleição, no momento da proclamação diante do povo. Mas quando ele era conduzido para sua cela, o repórter abordou-o e ele acabou revelando-nos que desejava ser chamado Júlio III, em memória do grande pontífice Júlio II, «honra da Igreja», e que havia ajudado muito a família Monte, elevando a cardeal Antônio del Monte, tio do recém-eleito Papa.

A ELEIÇÃO

Publicamos na última edição uma comunicação de última hora, anunciando que a chegada de quatro cardeais franceses iria modificar o panorama da eleição.

Na verdade, depois daquele momento, os escrutínios se multiplicaram, confundindo os prognósticos. No dia 26 de janeiro, o deão de Cupis dirigiu aos cardeais um patético apelo para que os conclavistas não se comunicassem clandestinamente com o exterior. Denunciou o abuso que estava se produzindo no conclave, onde as formas canônicas não estavam sendo observadas, e declarou que uma reforma era indispensável: a clausura devia ser absoluta.

Seu discurso foi aprovado por maioria e as janelas suscitadas foram fechadas. No dia 5 de fevereiro foram retirados do recinto todos os excetados, num total de 24 pessoas.

Ninguém até então havia pensado em del Monte. Foi o

cardeal Sforza que lançou a candidatura, já que não se encontravam meios de achar outra. Del Monte conseguiu logo alguns adversários, principalmente no lado dos imperiais, pois foi ele quem provocou a transferência do concílio, tão reprovada pelo imperador. Mas justamente esta aversão dos imperiais era o que mais animava os franceses. Hipólito d'Este e Sforza se encarregaram de lutar pela causa de del Monte junto ao chefe do partido francês, Carlos de Lorena. Graças a esse trabalho, a candidatura saiu vitoriosa.

QUEM É DEL MONTE

Nascido em Roma, filho de Vicenzo Ciocchi, originário do Monte São Sabino, perto de Arezzo, e de Cristobalina Saracini, del Monte completará a 10 de setembro próximo 63 anos. Sempre relacionado com a corte pontifícia, aos 25 anos havia obtido o arcebispado de Manfredonia e no dia 22 de dezembro de 1536 foi elevado ao cardinalato. Neste se distinguiu como chefe da direção moderada dos cardeais italianos. Durante o pontificado de Paulo III, foi membro da Comissão de Reforma e um dos presidentes na primeira reunião do concílio de Trento.

Tendo perdido o pai ainda jovem, del Monte deve muito ao tio que o criou, pois foi este que lhe assegurou os melhores mestres. João Maria estudou em Perúsia e em Siena. Logo seu tio, que o havia nomeado camareiro, antes de ser cardeal, renunciou em seu favor ao título de arcebispo. Isto valeu a del Monte, não

somente a honra de participar do concílio de Latrão, como de pronunciar aí o discurso solene da quinta sessão, no dia 16 de fevereiro de 1513.

CANDIDATO PORTUGUÊS

Paris, fevereiro, 1550 (Do correspondente)

Revelaram-se, nesta cidade, as gestões do embaixador português, sr. Brás Alvide, junto ao rei de França, Henrique II, para que se eleja papa o infante de Portugal, cardeal Henrique, irmão do rei D. João III.

Na chancelaria, informou-se, no entanto, que a proposição portuguesa tem poucas possibilidades de vingar.

SERIA O SEGUNDO

Lisboa, fevereiro, 1550 (Do correspondente)

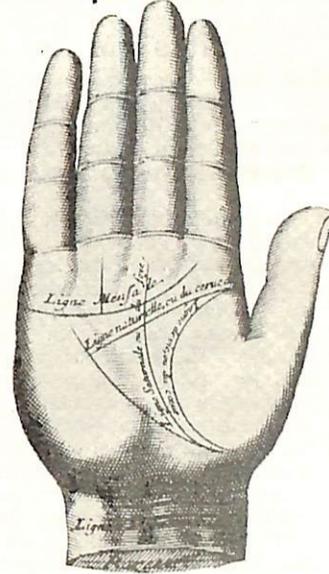
A cidade viveu momentos de intensa alegria com a revelação de que o irmão do rei D. João III seria candidato à suprema direção dos destinos da Igreja.

A propósito, uma autoridade portuguesa informou a O BRASIL EM JORNAL que Henrique, uma vez eleito, seria o segundo papa nascido em Portugal.

O primeiro, disse-nos, foi Pedro Julião, sagrado em 1276, em Viterbo, com o nome de João XXI. Julião, que fizera brilhantes estudos em Paris, contava 56 anos e foi Papa apenas um ano. Teve participação muito ativa nos acontecimentos da época: restabeleceu a paz entre o rei da França, Filipe, o Ousado, e o de Castela, Afonso X. Negociou a união das duas igrejas (grega e latina) e deu início aos preparativos de uma cruzada. Autor de um manual de Lógica (as «Sumulae»), sua morte, em virtude do desabamento do teto de uma «loggia», em Viterbo, no ano de 1277, confrangeu toda a Europa. Vamos, concluiu, fazer todo o possível para eleger o cardeal Henrique para a vaga de Paulo III. Ele não desapontará os católicos de todo o mundo.

Morreu monge que lia mãos

Itália, dezembro, 1550 (Do correspondente)



MAO DO HOMEM:

«Linha do coração curta, morte por negligência» (Tricaso)

Um comunicado lacônico, vindo do interior do país, dá conta da morte de Tricaso de Cerasari, dominicano italiano que deu especial atenção à quiromancia (leitura e interpretação das linhas da mão).

Tricaso estabeleceu mesmo importantes conclusões nesses seus estudos. Segundo ele, quatro linhas comandam toda a arte da quiromancia. As outras não são mais que meras dependentes.

Dentre estas linhas, Tricaso deu grande importância à da vida, que, conforme pretendeu, deve ser dividida em três partes: mocidade, maturidade e velhice. Do seu tamanho depende a duração da vida de cada pessoa.

«Linha de coração curta, dizia Tricaso, sem ramificações, denota perigo de morte por negligência. Linha da cabeça que para sob o dedo médio significa probabilidade de ferimento grave.»

Pernambuco manteve independência

Olinda, 24, novembro, 1550 (Do correspondente)

Pernambuco. Assim, os privilégios de minhas doações estarão salvaguardados, concluiu.

Contentíssimo com a decisão de D. João III (Pernambuco ficará fora da alçada dos poderes de Tomé de Sousa), o capitão Duarte Coelho festejou com os moradores desta cidade o acontecimento e disse-nos, a respeito do soberano: — Magnânimo, virtuosíssimo e justíssimo senhor e rei!

DOAÇÃO RESPEITADA

Falando, hoje, a O BRASIL EM JORNAL, Coelho esclareceu que recebeu resposta a um apelo que fizera ao monarca:

— Nossas doações serão respeitadas. Eu tinha confiança no monarca e pedirei a Deus que lhe dê muitos anos de vida.

Coelho adiantou-nos que, apesar da resposta pessoal do rei à sua petição, vai solicitar-lhe, agora, que o ato seja tornado público, para evitar futuros contratemplos.

— Vou pedir que D. João assinasse e sele, oficialmente, a exceção de poderes a Tomé de Sousa, no que diz respeito a

SURPRESA NA ÍNDIA

Cochim, novembro, 1550 (Do correspondente)

Chegou a esta cidade, com o título de vice-rei da Índia, o sr. Afonso de Noronha. A substituição de Jorge Cabral surpreendeu a todos.

Noronha fora nomeado para este posto desde fevereiro. Segundo se informa, será posta em prática nova modalidade de governo: o vice-rei dividirá a responsabilidade com um conselho. O ex-governador, sr. Jorge Cabral, mostrou-se surpreendido com a notícia de sua demissão. Falando a O BRASIL EM JORNAL lembrou alguns dos serviços por ele prestados a seu país e disse não ver nada que aconselhasse sua substituição.

— Em meu governo, afirmou, tivemos grandes vitórias morais. O rei de Tanur, sua mulher e seus filhos foram convertidos à religião de Cristo pelo padre Antônio Gomes. A vinda deles a Goa para assistir aos ofícios divinos é coisa de que muito me orgulho.

Cabral, que veio à Índia pela primeira vez quando menino, mostrou-se inconsolável com sua demissão:

— Nem minha gestão pacificadora ante a guerra entre o rei de Cochim (a quem auxiliou) e o samorim de Calcutte pesou na hora da decisão, disse.

ASSASSINADO REI DA BIRMÂNIA

Birmânia, novembro, 1550 (Do enviado especial Fernão Mendes Pinto)

O fracasso de Tabin-Shwétin no ataque a Aiutia foi o começo de sérios movimentos de rebelião neste país.

Um grupo tailane, chefiado por Smim Htaw, levantou-se abertamente contra o poder de Tabin, enquanto nos bastidores se tramava a eliminação do soberano birmanês.

Uma notícia surpreendeu todo o país: Tabin foi assassinado misteriosamente, atribuindo as fontes oficiais a façanha ao grupo chefiado pelo rebelde tailane Smim. A morte de Tabin determinou o esfacelamento do estado birmanês. Na Tailândia, o senhor de Sa-

tão fez-se coroar rei, restabelecendo, assim, a dinastia tailane no país.

Nesta cidade, Bayin Naung foi eleito sucessor de Tabin. A situação é extremamente confusa. O governo sente-se inseguro para subjugar a rebelião tailane.

Há duas correntes em choque: a do atual soberano e a de Smim Htaw, que primeiro se levantou contra a dominação birmanesa. Examinando a questão sob este ângulo, os birmaneses acham oportuno iniciar imediatamente as operações contra-revolucionárias.

Os portugueses chefiados por Diogo de Melo, que serviam ao rei da Birmânia, Tabin, ofereceram seus préstimos aos tailanes.

KNOX LIBERTADO

Santo André, Escócia, 1550 (Do correspondente)

Foi relaxada a prisão de João Knox, que em 1547 fora detido pelos soldados franceses na tomada do castelo de Santo André e condenado às galés, onde, em trabalhos forçados, passou um ano.

Knox estava preso no castelo com os assassinos do cardeal Beaton, sem ter, no entanto, tomado parte no crime. Sabe-se que pouco antes da prisão, pregava em tons muito violentos contra o catolicismo, tendo em 1546 apoiado com

todas as forças o reformador Jorge Wishart, que o levou no mesmo ano para a Reforma. Depois de ter estudado na Universidade de Santo André e aí mesmo lecionado filosofia, Knox foi perseguido em 1542 por ser partidário da Reforma, refugiando-se no sul da Escócia.

Em 1543, estava em seu distrito natal (Haddington) exercendo os cargos de sacerdote e de notário da diocese de Santo André, onde permaneceu até que as tropas da rainha regente o prendessem.



KNOX
Das galés para a liberdade

Livro ensina curas milagrosas

Paris, 1550 (Do correspondente)

Está sendo muito discutido pelos médicos da Europa o livro que acaba de ser editado em Ruão sob o impressionante título de «Méthode briève et facile de garder la santé, d'éviter la maladie, avec aucuns secrets de l'âme, non encore mis en lumière.» É autor dessa obra Hervé Fierabras, por muitos doutores tido e havido como simples charlatão.

Entre as discutidas receitas contidas nessa obra, que está tendo grande divulgação, se encontra a do chamado Bálamo de Ferrabrás, que o referido mestre Hervé afirma capaz de realizar curas miraculosas, fazendo cicatrizar rapidamente as mais graves feridas e livrando logo os pacientes de qualquer dor.

INEPTA ESQUADRA PORTUGUÊSA NO BRASIL

Salvador, 31, outubro, 1550 (Do correspondente)

Revoltado com os marinheiros que servem sob seu comando e achando que, a continuar contando com tão maus elementos, os franceses podem fazer o que bem entenderem no Brasil, chegou a esta cidade o comandante de esquadra Pero de Góis, após um cruzeiro de guarda-costa pelo litoral sul do país.

Góis, que esteve em São Vicente, no Rio de Janeiro, em Pôrto Seguro e outras localidades, enfrentou um galeão francês inútilmente e trouxe prêso um de seus subordinados, o capitão Cristóvão Cabral.

Logo após avistar-se com o governador Tomé de Sousa, a quem apresentou relatório da situação nos locais que percorreu, Góis fez-nos importantes declarações.

— Quero, disse-nos inicialmente, que o rei D. João III esteja sempre a par do que vem acontecendo. Assim, já lhe escrevi de São Vicente dando-lhe conta das dificuldades em que nos encontramos para repelir os piratas franceses. Toda minha correspondência com o monarca é feita em duas vias, para salvaguarda de minha honorabilidade.

Não me venham dizer, depois, que não me desincumbi como devera...

O comandante continua esforçando-se para não deixar escapar palavras ríspidas:

— Imagine, diz ele, que perto de Salvador encontramos um galeão francês. Eu saí do Sul com duas caravelas e um bergantim. Eram navios pequenos e que não podem fazer frente a uma embarcação tão grande como a dos franceses. Logo que parti do Rio, a nau de Cristóvão Cabral perdeu-se de nós. Ficamos bastante desfalcados. Eu ainda o procurei, mas inútilmente. Passado Cabo Frio, tive confirmação da presença dos franceses naquelas paragens. Perto daqui, nós os encontramos.

Pois bem, estivemos vários dias a combatê-los e não lhes acertamos um único tiro.

O comandante só a custo contém sua indignação. Faz um gesto de desânimo e continua:

— Quando repreendi os marujos, eles protestaram: tinham vindo para o Brasil à força. A maioria nunca tinha

visto um canhão. No bergantim não havia mesmo quem soubesse remar para manobras. Foi uma vergonha!

PRISÃO DE CABRAL

Pero de Góis conta-nos o episódio da prisão de Cabral:

— Depois do combate vergonhoso para nossa gente, fui ter ao Espírito Santo, onde encontrei a caravela de Cabral, na maior tranqüilidade. Imediatamente mandei prender seu capitão, que, pareceu-me, dera mostras de desídia. Eu confirmo: isto não pode continuar assim. Em primeiro lugar, a esquadra está mal aparelhada (precisa de navios grandes); depois, homens que a compõem são meros aprendizes e nós temos necessidade de gente experimentada. É triste confessar, mas, se não se tomarem providências urgentes, nós não poderemos cruzar os mares brasileiros em segurança.

Dizendo que vai levar tais fatos ao conhecimento de D. João III, Pero de Góis conclui suas declarações a O BRASIL EM JORNAL com uma revelação: o governador Tomé de Sousa confirmou a prisão de Cristóvão Cabral, tirou-lhe o comando da caravela e destituiu seu piloto, considerado igualmente desidioso.



GRANVELA
Novo Secretário de Estado

Novo Secretário de Estado na Espanha

Valladolid, 1550 (Do correspondente)

Conforme previmos na última edição, Antônio Perrenot, cardeal de Granvela, foi nomeado Secretário de Estado, aos 33 anos de idade, mas com um grande acervo de serviços prestados ao imperador.

Em 1540, com apenas 23 anos, o jovem Antônio já ocupava o bispado de Arrás, demonstrando suas grandes qualidades políticas e diplomáticas em diversas missões confiadas pelo imperador, principalmente na negociação da paz com os protestantes da Esmalcalda, depois de Muhlberg.

PERDEU O PAI

Augsburgo, 1550 (Do correspondente) — No mesmo ano em que Antônio é chamado para ocupar o importante cargo, perde o pai, o estadista espanhol, ministro de Carlos V, Nicolau Perrenot de Granvela.

Este estadista teve uma movimentada carreira política, ocupando cargos importantíssimos com Carlos V.

Em 1545 esteve presente à abertura do concílio de Trento. Deixou viúva (Nicola Bonvalot) e 14 filhos.

EM SOCIEDADE

Catarina de Médicis (e naturalmente Diana de Poitiers) anda muito preocupada com a mania de Henrique II: torneios. Os perigos que o rei de França enfrenta em cada um destes jogos são enormes e as duas temem pelo que lhe possa acontecer.

★

Em Saint Germain, a rainha de França Catarina de Médicis, deu continuação à série de herdeiros do trono. Agora, 27 de junho, nasceu um robusto menino, que se chamará Carlos Maximiliano.

★

Vem chamando a atenção de todos o modo como o regente Filipe, filho de Carlos V, está cuidando dos negócios de Estado na Espanha. Ninguém é mais atencioso nem mais aplicado que ele em governar. Chega-se a dizer que o imperador não deixou saúde.

★

Ao que nos informaram, vários pedidos têm sido feitos ao rei D. João III para que ponha em liberdade (pelo menos vigiada) os professores de Coimbra presos como hereges. Será?

★

A Confraternidade de Filipe Néri, apesar de ter sido fundada há apenas dois anos, é uma das instituições de caridade que mais serviços têm prestado aos desamparados de Roma.

Este ano mesmo, centenas de pobres e convalescentes receberam valiosos auxílios da Confraternidade dirigida pelo incansável Filipe Néri, que aos 25 anos vendeu sua biblioteca, entregou seu dinheiro aos pobres e resolveu praticar o cristianismo junto aos pobres e desvalidos.

Nossa coluna, que está aberta a obras como essa, apela para os leitores no sentido de auxiliar a Confraternidade, enviando roupas, mantimentos etc.

★

O estado de saúde do rei da Inglaterra, Eduardo VI (apenas treze anos), continua preocupando seus súditos. Tendo subido ao trono há três anos, já em precárias condições, seu estado só piorou, ante os vários problemas que tem de enfrentar.

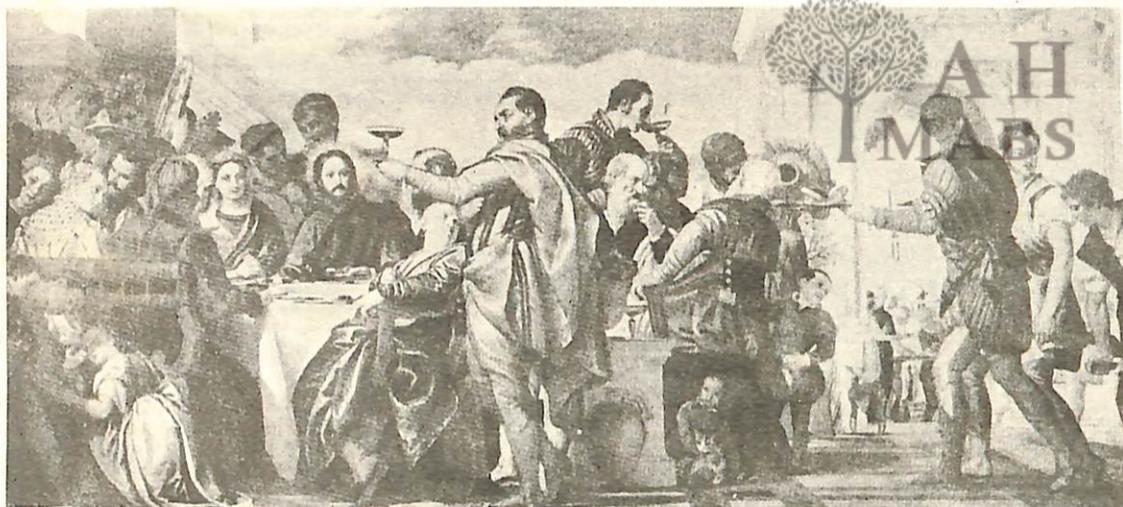
★

Ronsard, a nova coqueluche literária em França, está sendo encarado como grande rival de Rabelais... pelo menos nos favores que ambos recebem dos Guises.

★

Talvez seja «furo» (o que pode aborrecer a nossos colegas da seção de letras), mas nós fomos os primeiros a ler os sonetos líricos de Du Bellay e podemos assegurar: o livro «Oliva» é o plano apenas em esboço de coisa mais séria... Vamos esperar.

ARTE



Veneza, 1550 (Do correspondente)

Paulo Caliari, conhecido como Veronese (por haver nascido em Verona), terminou este ano mais um de seus grandes quadros: «As bodas de Caná», em que mescla o fausto e o solene espanhol com o amor todo veneziano pela bela luz e os belos adornos.

FILHA MODELO

Veneza, 1550 (Do correspondente)

O mestre colorista da pintura veneziana — Ticiano — terminou este ano mais um dos seus quadros, que certamente será famoso como os demais. É o retrato de seu modelo preferido: sua filha Lavinia, como Pomona, exibindo uma bandeja com frutas.

Ticiano tem por Lavinia verdadeira adoração e ela desde muito moça (está agora com deztoito anos) serve como modelo ao grande pintor seu pai.



Goujon prepara Cariátides

Paris, 1550 (Do correspondente)

O escultor francês Jean Goujon, colaborador do arquiteto Pierre Lescot em diversas obras importantes de nossa época, está presentemente trabalhando nas cariátides (colunas em figura de mulher) que sustentam a tribuna dos músicos, no palácio do Louvre, que o rei (falecido) Francisco I mandou reconstruir e cujas obras continuam sob o atual Henrique II.

O BRASIL EM JORNAL vem acompanhando com interesse a brilhante carreira do escultor Goujon, que está sendo considerado uma das mais importantes figuras da escultura renascentista, por ter em sua obra conseguido harmonizar, com senso de medida, a sensibilidade e a razão. Em Goujon, a lição dos antigos está, pela primeira vez, completamente assimilada pelo espírito francês.

Reproduzimos, hoje, o trabalho que ele executou no ano passado, quando Henrique II chegou a esta cidade. Os leitores poderão ter idéia de um aspecto muito interessante da obra de Goujon: os monumentos.



TÚMULO

Philibert Delorme e Pierre Bontemps continuam trabalhando em sua obra monumental: o túmulo de Francisco I, na Basílica de Saint-Denis. A obra, iniciada em 1548, deverá formar entre as grandes realizações artísticas da renascença francesa, dada a reputação de seus executores.

Vai ser reaberto Concílio de Trento

Roma, 14, novembro, 1550 (De Antônio Melledone)

O Papa Júlio III lançou, hoje, a bula «Cum ad Tollen- da», que ordena a reabertura dos trabalhos conciliares em Trento, para março do ano que vem. Para explicar o retorno a Trento, a bula diz simplesmente que todo «impedimento legítimo havia cessado» («Legitimo cessante impedimento»): Por fontes ligadas ao Vaticano, soubemos que o Papa, em abril, confiou a uma comissão, formada pelos cardeais de Cupis, Carafa, Morone, Crescenzi, Sfrondato e Pole, o trabalho de deliberar sobre a importante questão. A comissão concluiu pela reabertura do concílio na cidade de Trento.

PEDIU SEGREDO

O Papa aceitou a conclusão e a transmitiu logo ao embaixador imperial, Mendoza, pedindo segredo provisório, a fim de preparar os franceses.

CONCESSÕES DO PAPA A D. JOÃO III

Vaticano, 25, agosto, 1550 (Do correspondente)

Por ato de hoje, o novo Papa, Júlio III, fez importantes concessões ao rei de Portugal, D. João III.

A bula que se deu a conhecer («Regimini universalis ecclesiae») permite que o rei português seja, enquanto viver, o único administrador dos Mestrados de S. Tiago e Aviz.

Tais mestrados, segundo os peritos, são de grande importância, pois que possuem inúmeros bens espalhados por toda a península.

tão rebeldes nesse assunto, para a aceitação do projeto.

Depois de um atraso causado por um acesso de gôta (esta doença o ataca sempre), o Papa enviou ao imperador novo emissário: Pighino.

Com muito esforço conseguimos o resumo das instruções: 1º — acôrdo sobre o concílio, entre o imperador e o rei da França; 2º — Em que condições os luteranos serão admitidos; 3º — aceitação sem reservas dos decretos já estabelecidos.

BANQUETE A URFE

No dia seguinte ao da partida de Pighino (2 de julho) para sua missão na Alemanha, Júlio III, no desejo de conquistar os franceses, ofereceu um banquete ao embaixador da França, Urfé

Dois dias mais tarde, Trivulzio, toma o caminho da

França, com o marechal da Marcha, o duque de Nemours e um irmão do cardeal de Guise. Tinha por missão convencer o rei da França da necessidade de reabrir o concílio em Trento.

A VITÓRIA DE JÚLIO III

Tôdas essas demarches foram em vão. O rei recebeu muito bem o enviado do Papa, mas sua resposta, a respeito do concílio, foi um diplomático «não». Em França estava-se com ciúme das boas relações entre o Papa e o imperador... Por sua vez os luteranos manifestaram a pretensão de derrubar tôdas as decisões já tomadas em Trento. No entanto, apesar destas dificuldades, o Papa conseguiu o seu intento, lançando hoje a bula. Uma grande vitória.

INDIOS APRISIONAM ALEMÃO

São Vicente, 1550 (Do correspondente) — URGENTE

Hans Staden, que estava a serviço de um comerciante estrangeiro aqui radicado, foi aprisionado por índios.

Staden, quando os tupinambás atacaram esta região, fôra feito comandante do forte de Santo Amaro.

Notícias chegadas do acampamento dos selvagens dão conta da sorte que espera o prisioneiro: a morte. Informaram, aqui, que Staden quis mesmo alegar que não era português. Mas isto pouco lhe valeu, pois não acreditaram em suas palavras. Espera-se, a qualquer momento, a confirmação de sua morte.

BOLONHA É DA FRANÇA

Londres, 24, março, 1550 (Do correspondente)

Por não ter obtido o apolo de Carlos V, Eduardo VI resolveu assinar hoje um tratado de paz com a França, segundo o qual este país receberá de volta Bolonha, mediante o pagamento de 400 mil escudos. Os escoceses estão compreendidos nesta paz.

Eduardo VI desistiu, assim, do resgate de 800 mil escudos que a França deveria pagar, com juros, no prazo de oito anos, como noticiou na época O BRASIL EM JORNAL. Contentou-se com a indenização de 400 mil escudos.

ARTESÃO FOGE DE PROCESSO

Lisboa, 1550 (Do correspondente)

Artistas e artesãos estrangeiros, aqui radicados, figuram, a cada instante, nos processos instaurados pela Inquisição.

Há dias, dois serralheiros franceses, Pedro Ligeiro e Guilherme Lealou, denunciaram àquele tribunal um compatriota, o marceneiro de nome Filberte.

Filberte foi acusado de não respeitar os jejuns religiosos, além de outras faltas.

Procurado pelas autoridades da Inquisição, o denunciado não foi encontrado em sua residência, na rua dos Fornos. Há suspeitas de que, sabedor da denúncia, tenha fugido para a Espanha.

Gado para o Brasil

Salvador, julho, 1550 (Do correspondente)

Chegou a esta cidade, com grande carregamento de gado para criação, a caravela portuguesa «Galga».

O governador Tomé de Sousa, falando a O BRASIL EM JORNAL, disse que tal embarcação ia ficar exclusivamente nesse serviço.

— O gado é uma grande necessidade para o país. Como ele abunda em Cabo Verde, a «Galga» irá fazer agora este suprimento periódico. Em troca, levará madeira do Brasil para Cabo Verde.



CLAUDE DE LORRAINE DUC DE GUISE

GUISE

Veneno venceu o grande guerreiro

ENVENENADO O DUQUE DE GUISE

Joinville, 12, abril, 1550 (Do correspondente)

Morreu hoje nesta cidade, vítima de envenenamento, Cláudio de Lorena, duque de Guise e personagem de grande influência no reinado de Francisco I, embora ultimamente tivesse caído em desgraça por ter lutado contra a preponderância do condestável Montmorency.

Hábil militar, continuou, mesmo afastado da corte, a ser utilizado por Francisco I, como, por exemplo, nas campanhas de Flandres e Atois contra as tropas de Carlos V (1542 e 1543).

MORREU RICO

Manobrando com inteligência, Cláudio pôde deixar para sua família uma considerável fortuna. Filho de Renato II de Lorena e de Filipe de Gúeldres, nasceu no castelo de Condé no dia 20 de outubro de 1496. Não tinha ainda 20 anos, quando teve que lutar contra o seu irmão (por um lado) pela herança paterna. Renato resolveu a questão concedendo-lhe as possessões da família na França, em particular os marquesados de Elbeuf e Maiena, e o condado de Guise, herdado em 1504 pelos Lorenas. Ao receber esse dote, Cláudio naturalizou-se francês (1506) e começou a relacionar-se com a corte de Luís XII.

GRANDE MILITAR

Francisco I soube explorar as qualidades políticas e militares reveladas pelo conde de Guise. Cláudio lutou em Ma-

rignan (1515) e se distinguiu nas operações da campanha contra os imperiais em 1523. Depois de Pávia, tomou parte no conselho da regente Luísa de Sabóia (1525-1526).

Em recompensa aos serviços prestados à monarquia, Francisco I elevou seu condado à dignidade de ducado. Mas esses favores não satisfizeram a ambição política de Cláudio, que queria ser príncipe real e independente em seus domínios.

JORNAL ECONÔMICO

O governador-geral do Brasil, sr. Tomé de Sousa, tomou importante decisão: suspendeu todo o comércio de pau-brasil. Os que alegam licenças especiais do rei D. João III tiveram, todavia, uma concessão: poderão fazê-lo na região dos potiguares e no Rio de Janeiro.

A medida, segundo os observadores, é considerada como uma defesa do monopólio real, muito prejudicado com as várias concessões nas melhores e mais propícias zonas madeireiras do Brasil, a parte leste.

DIZIMOS

Os dizimos da igreja de Salvador estão orçados em 77 mil reais. Esta quantia, infelizmente, tem destinação muito diferente da que devia ter: só particulares a aproveitam.

Frankfort, junho, 1550 (Do correspondente)

Por motivos de ordem pessoal, familiar, política e religiosa, os príncipes alemães se recusaram a eleger o príncipe Filipe rei dos romanos, como era desejo de Carlos V.

Quando noticiamos sua viagem a Bruxelas e o seu reconhecimento como herdeiro dos Países Baixos, há um ano atrás, tivemos oportunidade de anunciar em «furo» que a indicação de Filipe não seria aceita. A confirmação da notícia foi feita na Dieta realizada nesta cidade.

APROVADOS ESTATUTOS JESUÍTAS

Roma, 1550 (Do correspondente)

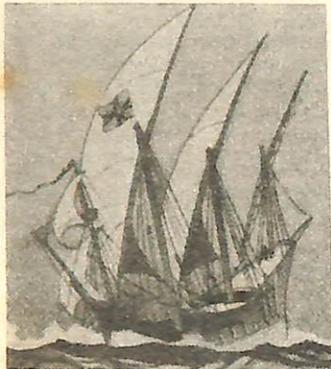
O novo Papa Júlio III confirmou, pela bula «Exposcit Debitum» do dia 31 de julho, os estatutos dos jesuítas e os autorizou, entre outras coisas, a fundar o Colégio Romano e o Colégio Germânico.

A atividade da Companhia de Jesus vem surpreendendo até mesmo os meios católicos. A simples enumeração das realizações deste ano mostra como está expandindo-se a obra de Inácio de Loyola. Eis algumas dessas realizações: abertura de um colégio em Tivoli; fundação de um noviciado em Messina; criação de uma casa de catecúmenos em Goa; organização de um colégio em Veneza; a direção do colégio de Ofiate, na Espanha, entregue à Companhia; os padres Jay e Salmeron assistem à Dieta de Augsburg.



Dos remos do Mediterrâneo às velas do Atlântico

Como, com que e de que maneira o homem tem vencido os mares



Eis uma caravela em pleno mar, abrindo caminho, nas águas oceânicas, com suas linhas ultramodernas

Cada dia que passa se assinala na época presente por grandes melhoramentos na arte naval, graças às experiências constantes realizadas nas navegações pelo oceano. Já se foi o tempo em que o tráfico marítimo, tanto do ponto de vista comercial como do militar, se limitava às águas de mares fechados como o Mediterrâneo e o Báltico, ou mais ou menos limitado como o Mar do Norte.

Então, no primeiro, somente circulavam as galeras ou galés, movidas a remos desde a mais remota antiguidade, aos quais se prendiam dois ou três remadores, prisioneiros de guerra ou condenados por crimes comuns. Os muçulmanos chamavam-lhes fustas e nelas empregavam, como remeiros, os cativos cristãos. Todos esses infelizes movimentavam os longos e pesados remos de amieiro ao compasso dum grande atambor e sob o relho dos guardas-chusmas.

Os venezianos criaram um tipo de galé ou galera maior, com quatro homens em cada remo, alternando-se um de frente e um de costas, que denominaram galeazza. Essas galeazas só se usavam para a

guerra. Foram elas, pela sua superioridade em armamento, que decidiram a vitória de Lepanto, em que D. João d'Áustria venceu os turcos e lhes arrancou a hegemonia naval no Mediterrâneo.

Enquanto as simples galés ou galeras somente possuíam dois mastros com velas latinas, a principal das quais se chamava marabuto, mediam no máximo 160 pés de comprimento e 35 de largura, e se armavam com dois canhões pequenos, nos castelos de vante e de ré, as galeazas ostentavam três mastros com velas latinas, manobráveis dum passado corrido por cima dos remadores, e 22 peças de artilharia, dispostas desta maneira: 7 pequenas em cada bordo, debaixo da feira dos remos, três maiores livres do remo em cada bordo da ré e duas grandes do castelo de popa. Para que as de sob os remos atrasassem, era necessário que as chusmas os levantassem.



«CARRACA»

Com barcos modernos desse tipo os portugueses vêm fazendo suas viagens ao Brasil e às Índias

Essa espécie de navios não poderia suportar a vaga do largo no oceano Atlântico. Havia no Mediterrâneo, ao lado deles, as naus ou naves, maiores, com velas gregas ou redondas, que se originavam do navis romano, do navigium. No século

XV, apareceram, imitando as naus mediterrâneas, as denominadas naus oceânicas, com maior número de velas, algumas de 800 tonéis de calado.

A Liga Hanseática e as cidades marítimas da Bretanha e da Normandia construíram muitos barcos desse tipo. Um deles esteve no Brasil, em 1512, colhendo o pau-de-tinta em Cabo Frio, a Nau Bretoa, exatamente de origem bretã.

Todavia, as naus ou naves oceânicas, pesadas e ronceiras, de lenta manobra devido ao grande velame redondo, se continham ao mar alto, eram desaconselháveis para as explorações costeiras que, ao influxo do Infante D. Henrique, os portugueses começaram a levar a efeito ao longo dos litorais africanos. Faziam-se mister barcos capazes de arrostar o oceano e, ao mesmo tempo, manobreados e aptos a se aproximarem das costas desconhecidas.

Inspirando-se na antiga caraba italiana do fim da Idade Média, a que os árabes haviam adaptado velas latinas ou triangulares, os portugueses construíram a caravela, que se tornou o navio por excelência dos descobrimentos marítimos. As caravelas, ao princípio de quatro mastros com latinos, passaram a ter, depois, três mastros, armando em dois deles panos redondos, um traquete e uma mesena. O calado médio da caravela não vai além de 200 tonéis e sua equipagem não supera mais de 70 homens. Essa embarcação, muito apropriada às singraduras em bordejões, desempenhou relevante papel na exploração do oceano Atlântico e nas viagens dos portugueses e espanhóis que tiveram como resultado o alargamento da Terra.

Resumindo a evolução naval dos últimos séculos, pode-se dizer que o remo predominou no Mediterrâneo e a vela no Atlântico. Naquele mar, reinou a galé; neste oceano imperou a caravela.

MANUEL QUER
AS RENDAS
DA IGREJA

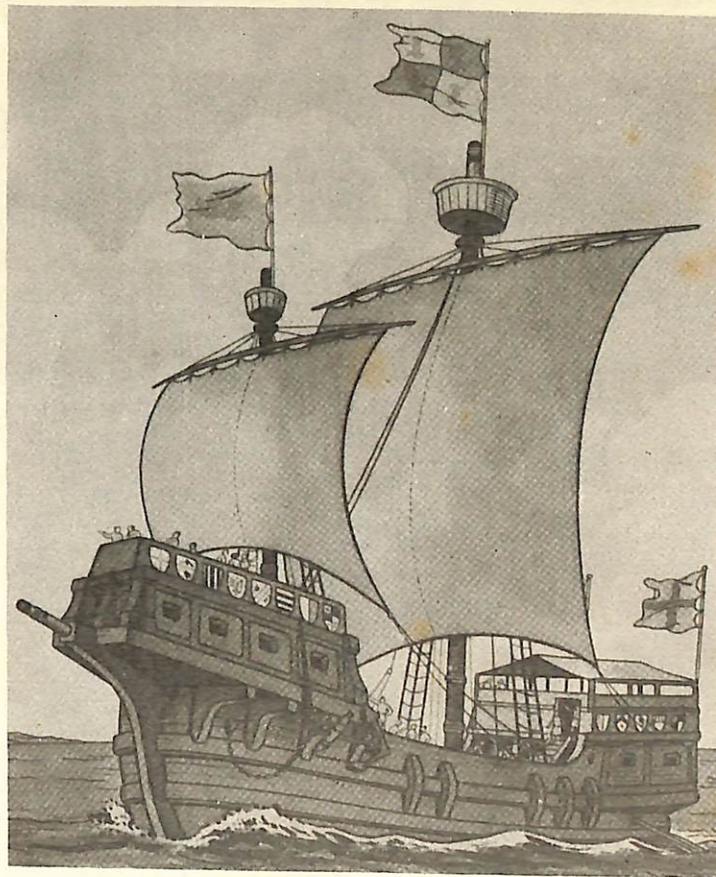
Salvador, 3, agosto, 1550 (Do correspondente)

Pedindo ornamentos para a igreja e sacerdotes para o culto nesta cidade, o licenciado Manuel, em sua carta ao rei de Portugal, D. João III, encaminha um pedido que há tempos fez ao monarca: quer um terço das rendas da igreja de Salvador.

O curioso no pedido de Manuel é que, chamando a atenção do soberano para a pobreza dos religiosos nesta cidade, ele, tesoureiro da igreja, não tenha providenciado para minorar tal estado de coisas.

— Para toda a cidade, só há duas vestimentas para sacerdotes. Não há livros de canto. Não há nada.

Depois das lamentações, o licenciado renova o pedido das rendas.



Eram assim as naves da Idade Média. Pesadas e ronceiras, foram nitidamente superadas pelas carracas e caravelas

Portugueses abandonam a África

Arzila, 24, agosto, 1550 (Do correspondente)

Sem auxílio espanhol (com que contava), o rei de Portugal, D. João III, tomou, há tempos, uma decisão que hoje se executou nesta cidade: abandonar a velha conquista do rei Afonso V, exatamente

no mesmo dia em que ela completava 79 anos.

O comandante de Arzila, Luís de Loureiro, à vista da decisão real, deixou a cidade com os soldados que a defendiam, depois de ter inutilizado alguns baluartes construídos pelos portugueses.

Nas hostes do Xerife, informa-se, a notícia foi recebida com festas populares que se prolongaram até a madrugada.

Falando a O BRASIL EM JORNAL, Loureiro não escondeu seus receios pela sorte das outras praças ainda em poder dos portugueses.

— Oxalá não tenhamos de agir da mesma forma em Alcácer, Ceuta, Tânger e Mazagão, únicas praças que nos restam em África.

TAMBÉM ALCACER

Alcácer, dezembro, 1550 (Do correspondente) — Urgente

Os portugueses abandonaram esta praça aos árabes. Um comunicado lacônico foi dirigido à população e a retirada das tropas foi feita rapidamente.

Luís Loureiro, o mesmo que comandou o abandono de Arzila, dirigiu os trabalhos da retirada da soldadesca.

Esta é a segunda praça norte-africana que os portugueses são obrigados a abandonar em menos de um ano, por falta de recursos. Observadores políticos informaram-nos que a situação dos estrangeiros era insustentável.

— O Xerife, assegurou uma fonte autorizada, despertou na alma adormecida dos marroquinos um fervor de fé que forçará os portugueses ao abandono de todas as suas posições norte-africanas.

CÊRA NAS VEIAS PARA

ESTUDAR O CORPO

Paris, 1550 (Do correspondente)

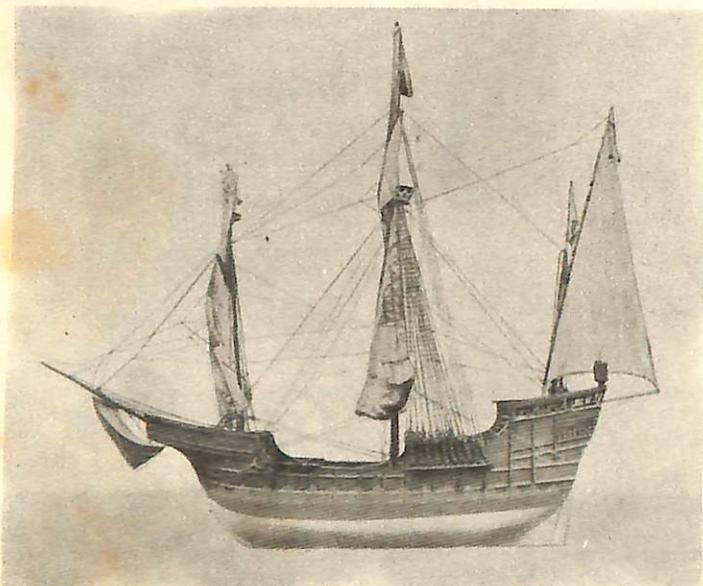
Jacques Dubois, anatomista conhecido pelo cognome latino d. Sylvius, foi nomeado professor do colégio real, como prêmio de seus inúmeros trabalhos e pesquisas em sua especialidade.

Entre muitos trabalhos de anatomia realizados por Sylvius, podem ser destacados o da primeira descrição minuciosa do encéfalo e a invenção de um novo método para o estudo da anatomia dos vasos sanguíneos. Este método consiste em injetar nas artérias do cadáver ainda quente cêra fervente, que, assim, se espalha através do corpo. Uma vez solidificada a cêra, torna-se possível reconhecer o trajeto exato das veias e das artérias, que se apresentam em forma de pequenos canais duros e bem visíveis sob os tecidos que os envolvem.

PRINCESA TENTA FUGIR

Londres, 1550

Não resistindo às perseguições de Eduardo VI, Maria Tudor tentou fugir para Anvers, provando que o governo não está cumprindo a promessa solene de liberdade religiosa para a princesa. Maria, como se sabe, é herdeira do trono inglês, uma vez que, sendo irmã do rei por parte de pai, deverá subir ao trono se Eduardo VI desaparecer sem deixar herdeiros.



Esta é a «Santa Maria», caravela de Colombo na sua primeira viagem à América